

Semanário de caricaturas a cores,
crítico e humorístico

Propriedade da Empresa do jornal, **O ZÉ**

DIRECTOR E EDITOR

ESTEVÃO DE CARVALHO

SECRETÁRIO DA REDACÇÃO

ARLINDO BOAVIDA

ADMINISTRADOR

SERTORIO RAMOS

COMPOSTO, IMPRESSO E GRAVADO

nas Officinas Graphicas do jornal **O Zé**

Rua do Poço dos Negros 81, 1.ª



Successor do jornal **XUÃO** Redacção administração, R. do Poço dos Negros, 81

À PESCA



O diabo é se o peixe come a isca... e deixa o anzol...

Nós, o sr. França Borges e "O Sindicalista"

Nas officinas d'O Zé foi confeccionado o ultimo numero do jornal operario *O Sindicalista* que a policia entendeu por bem apprehender, apprehensão que se realizou no sabbado, 21 pelas 3 horas da tarde, isto quando na vespera se tinha entregado á administração do dito jornal uma porção grande de exemplares. Todos os nossos collegas da imprensa diaria deram a noticia mais ou menos certa, mas um jornal houve que se quiz differenciar o que deu logar a sermos obrigados a applicar-lhe o devido correctivo.

Esse jornal foi *O Mundo* (1) do sr. França Borges e pela leitura da noticia que vamos transcrever verão os nossos leitores o veneno com que o dito senhor a escreveu:

A policia de investigação foi ontem ás officinas typograficas de um semanario, situada na rua do Poco dos Negros, e ali fez a apreensão de bastantes exemplares de certo jornal, que foram conduzidos para o governo civil. O proprietario da typografia foi intimado a ir á repartição de investigação prestar declarações.

Como não podia deixar de ser, escrevemos o seguinte ao sr. França:

Lisboa, 22 de Junho de 1912.

Cidadao França Borges.

Em nome da Verdade, que muito peço, peço-lhe a fineza de declarar ao vosso jornal, que foi mal informado a proposito da noticia que hontem publicou sobre a apprehensão de certo jornal (textual) nas officinas typograficas de um semanario (textual) na Rua Poco dos Negros.

Não sei quem redigiu tão verrinosa noticia, mas, certamente o cidadão não teve d'ella o conhecimento, aliás tel-a-hia modificado, declarando, pelo menos, o nome do tal semanario. Mas, voltando ao principal assumpto:

O proprietario das officinas não foi intimado a prestar declarações na repartição de investigação, mas, pelo contrario, elle é que se dirigiu ao governo civil a fim de se informar d'onde tinha partido semelhante ordem (refiro-me á apprehensão d'O Sindicalista).

Não tendo conseguido fallar ao governador civil, nem ao commandante da policia, fui recebido pelo chefe Sarmiento, a quem expuz o succedido, pedindo um documento comprovativo da apprehensão, para apresentar á administração d'O Sindicalista. O dito chefe, que foi da maxima amabilidade, prontamente deu as suas ordens para que me fosse entregue uma copia da apprehensão. Esta é que é a Verdade. Em nome d'ella, repito, peço-lha a modificação á noticia publicada.

(1) Ao contrario do *Mundo* temos sempre por norma publicar o nome do jornal a que nos queremos referir.

Esperando o deferimento do meu pedido, aguarda as v. ordens o v. correligionario

Estêvão de Carvalho.

(Director d'O Zé e co-proprietario das Officinas Gráficas do dito jornal).

Sua ex.^a, em resposta e sem publicar a nossa carta como era o seu dever, atreveu-se a vomitar insolencias como as que os nossos leitores vão ler:

Em resposta.

O sr. Estêvão de Carvalho, director de um antigo jornal de caricaturas, escreve-nos a proposito dum local que publicamos ontem sobre a apreensão de certo jornal nas officinas dum semanario, situadas na rua do Poco dos Negros, para nos dizer que não foi intimado a prestar declarações na repartição de investigação, mas, pelo contrario, foi elle proprio quem se dirigiu ao governo civil a saber donde partira a ordem para se apprehender a tal gazeta. Rectificando a noticia, conforme nos é solicitado, temos de passagem a dizer que o sr. Estêvão de Carvalho, que aliás recebeu d'O Mundo, durante muito tempo, provas de sympathia, não tem dito a estranhar que não citassemos o nome do semanario de que é director, desde que no mesmo, deu guarida a um collaborador do Portugal e até ali, segundo nos informam, se publicaram coisas que não passavam de agravos á Republica e a alguns dos seus homens mais eminentes. E temos dito.

Com referencia ao redactor do Portugal, vamos-nos informar a quem s. ex.^a se quer referir e no proximo numero fallaremos.

Sobre os agravos á Republica, mais uma vez aquelle senhor mente, com o proposito firme de nos indispor com a grande familia republicana, mas esteja certo que não consegue o seu fim.

N'O Zé, nunca em epocha alguma se atacou a Republica; aqui só os homens teem soffrido as mais acres censuras, pois, coherentes com o nosso passado, não podemos consentir silenciosamente que os processos usados pela monarchia sejam hoje postos em pratica por muitos republicanos que já se esqueceram de tudo o que disseram e prometeram no tempo da propaganda.

Sua ex.^a sabe bem que temos razão no que escrevemos, mas, obedecendo ao seu temperamento venenoso, aos seus instinctos e ainda para agradar a alguem — se é que taes processos não lhe vão causar tédio—atreve-se a expellir insidias no que sempre tem conseguido ser inimitavel.

E basta para quem nem tanto merece.



Ha certos republicanos que entendem que os correligionarios não de estar sempre de joelhos e a bater nos peitos perante os politicos do regimen, ainda mesmo quando eles pratiquem as maiores asneiras. Essa pretensão, além de estulta e ridicula, prova bem que taes individuos não teem o espirito republicano, mas tão sómente o de *feticchismo*, que caracterisava a defunta monarchia.

Se estivessemos filiados em qualquer dos partidos *legaes*, haviamos de proceder da mesma forma que adoptamos: descompor os corifeus que andam mal e elogiar os que teem juizo. E assim, apesar de nutrirmos uma grande sympathia pessoal pelo Affonso Costa, não hesitaríamos em o zurzir, quando attentasse contra os bons principios, e, pela mesma razão, eramos capaz de louvar o Brito Camacho, se elle fosse susceptivel, num momento, de praticar qualquer accção proveitosa para o paiz.

Não é só laçalo quem veste libré...

—O Alfredo Magalhães vae ter nova zaragata: desta vez é com a Commissão Municipal Republicana de Lisboa, que, qual *Magrilo*, ou antes qual *Magrila*, acudiu em defeza das damas—ministros ameaçadas pelo impetuoso democrata.

—André Deed foi muito amavel conosco, dedicando-nos o seu ultimo *Instantaneo*, publicado neste semanario. O que desejavamos que o fino contista nos explicasse é a razão porque a *pequena* estava disposta a enganar o amoroso, só noutro tempo, e não hoje...

Só se é por ele lhe teragora aumentado a razão... de amor!...

—Na peça fantastica da Trindade, denominada *O fim do mundo*, fala-se no dr. Brito Capacho. Noutro theatro já ouvimos citar o *Cabrito Macho*. Trata-se, evidentemente, de alcunhas postas ao chefe *onanista*, da *Dança da Lucta*, já conhecido tambem por *Alma Negra*, sendo na verdade um genuino *Alma do Diabo*,... que o carregue...

—Torna-se indispensavel que os deputados que partiram carteiras paguem do seu bolsinho o prejuizo causado. Numa unica hipotese deveriam ser dispensados de largar a *massinha*: era se tivessem esmurrado as ventas do Brito Camacho, deixando-o a latir por algumas horas...

Bacteriologista.

Mau gosto

A sr.^a D. Maria Velleda está muito exaltada porque os republicanos, no tempo da monarchia, não se fartavam de fazer festas ás mulheres, para as atrahirem á politica, ao passo que, actualmente, despresam-nas.

Estamos a vêr d'aquí os republicanos a fazerem festas a homens...

Para o prégo...

Senhora: o vósso cabelo
É fin d'oiro intrancado
Pentado com disvelo,
Que o lindo rosto rosado
Vos torna ainda mais bello!...

—São doiro, diz? é co'a brécal!
Como me deixou contente
Francamente, não o négoi:
Prefiro ficar caréca
E vou d'aquí um repente
Espetar com ell' no prégo...

Manoel Chagas

Porto, 1913.

Salvaterra Junior.



Primavera

Rompe a orquestra do campo; alegrem-se os pomares!
Na curva azul do céu uma andorinha esvoaça;
Rasga-se o nevoeiro, e Baccho cheio de graça
Nos vinhedos ensafia os labricos cantares.

Lágrimas de oiro e luz desprendem-se dos ares;
As papoilas erguendo a incendiada taça
Encantam a campina: e a Primavera passa,
Espalhando pela terra encantos singulares.

Há contrastes de luz, ha vida na floresta;
A seiva revigora o pinheiral sombrio;
Anda a abelha zumbindo em torno da giesta.

Solta o m'ro na eira o perfido assobio;
É ante um espectáculo assim—a Natureza em festa!—
Eu esqueço que inda devo a renda ao senhorio...

Instantaneos

11

Do Pena e Silva

N'um dos dias da ultima semana apparecei-nos a typographia cercada por todos os lados. Adivinhem lá de quê! De policia!!!!

Que diabo será isto? perguntámos aos nossos botões. Nada. Não responderam.

Fomo-nos informar pela vizinhança e, então, soubemos muita coisa. Soubemos que esses objectos a que se dá o nome de policia nos guardavam desde as duas da madrugada. Uns de bengala, outros de terçado, aqui permaneceram horas prolongadissimas debaixo d'um orvalho que os entretelava e os punha parallélos aos cunhaes dos predios circunvisinhos.

O visinho carvoeiro disse-nos que já tinham andado de manhãzinha por cima d'um ce to telhado que elle nos apontou com o dedo encardido. Immediatamente nos dirigimos para alli, na esperança de colhermos algumas informações. Appareceu-nos um gato amarello, meio derretido pelo calor.

— Olá, seu bichano!

— Que quer?

— Quero fazer-lhe algumas perguntas.

— Então diga depressa porque tenho que ir comer o bife á cosinha do segundo andar.

— Você viu hoje alguem, cá no telhado?

— Vi, sim, senhor! Vi o limpa chaminés, de manhãzinha e, d'ahi a pouco, uma individuos que me pareceram bufos.

— Que estiveram cá a fazer esses individuos?

— Olhe, estiveram a divertir-se com o panorama e a fazer-me fugir de vez em quando.

— Só?!

— Acha pouco? Pois digo-lhe que fizeram bem em se retirarem porque gatos ha cá muitos. E não me incomode mais, porque farto de palavrado estou eu! Adeus!

E, sem dizer mais nada, desatou a fugir pelo algeiróz.

Continuámos a matutar, incapazes de darmos ao certo com a solução do enigma. Que viriam cá fazer aquelles tipos que se agglomeravam ás esquinas, desde as duas horas da madrugada? Pois se nós estávamos a dormir e só nos levantámos ás oito!... Com certeza andava moito na costa...

Tantas locubrações já tínhamos des-

enrolado que nos dispunhamos a ir perguntar a um policia qual o motivo de tão rigorosa vigilancia. Mas não nos deram tempo para isso. N'este momento um d'elles chegou-se á porta e disse-nos, n'um rasgo de eloquencia:

— Estamos vigiando a sua casa porque se está imprimindo, cá dentro, O *Sindicalista*, jornal esse que não pode ser posto á venda!

Demos um pulo para trás e quasi desmaiámos de commoção. No entanto, voltados os momentos lucidos, pudemos dizêr ao representante da auctoridade:

— Oh! senhór! Mas isso é grave! Gravissimo! Então o senhór só agora é que se lembrou de nos vir dizer isso?... Vamos! Corra, que o momento não é para hesitações! A patria está em perigo! Vá já chamar infantaria, cavallaria e artilharia para nos guarnecer as oficinas e impedir que o jornal saia! Oh! senhór! Mas avie-se! Por nossa parte vamos mandar suspender a impressão e dar immediatamente voz de prisão a todos os exemplares impressos! Corra, senhór!...

E o homemsinho, esbaforido, conscio do seu heroismo, correu direito ao elevador.

As forças do exercito não se fizeram esperar. Eram commandadas por um general de divisão que tinha sob as suas ordens um furriel e dois corneteiros, fóra 400 companhias de infantaria, duas gróças de metralhadóras e alguns submarinos do typo *Espadarte*. Fizeram magnificas evoluções, no que foram brilhantemente auxiliados pelos aviadores militares e pelo sr. Antonio José d'Almeida. Entrementes nós, cá dentro, auxiliados pela marinhagem desembarcada dos cruzadóres que estavam fundeados no poço do quintal, armámos rapidamente a força. Forjou-se um processo summario e enforcaram-se os exemplares impressos.

Muitos, aproveitando a confusão conseguiram escapar-se, mas os mortos entregaram-se á policia que os removeu para a «morgue». Emfim! Estávamos livres d'uma coisa que em tão grande perigo punha a patria e a nossa vida.

Resta-nos agradecer, ao governo ou a quem quer que foi, o favor que nos fez de nos guardar a casa desde as duas da manhã, pelo facto de estarmos a dormir... perdão! pelo facto de se estar imprimindo O *Sindicalista*...

NEVROSISMOS

1

PRIMEIRA

Senhora, porque foge? Escute n'um momento a confusão. Eu sei, jamais em mim pensou. Passava de manhã, olhei... e não olhou... nem viu no meu olhar a sombra de um tormento.

Busquei seguir-lhe um dia o triste pensamento, que se desfez n'um ai, e quasi se ergueu... Depois sorria... sorria, e para mim voltava o seu divino olhar, o meu encantamento!

Esperanças que tive! E logo me julguei Amado! E o riso fóra um escarnecer de fada! fugiu... não mais a vi, não mais a encontrei!

Escute agora, sim? a confusão guardada dentro do peito. Então... se eu nunca assim amei... e o que tenho a dizer é pouco... é quasi nada!

Vinício.

Porque sabia errado no ultimo numero fez-se de novo a sua publicação.

V.

Havia de ser difficil...

A proposito do elogio fúnebre, prestado no Senado á memoria de Carlos Callixto, lemos n'A *Lucta*:

«Depois, por proposta do sr. presidente, todos os senadores se conservaram silenciosos, nos seus logares, durante cinco minutos.»

Havemos de concordar que foi um sacrificio bastante violento...

Ena pae! Tanta erudição!...

(A FIGURINHA)

Que mulher tão erudita
Que encontrei há um mez!...
Sabe a lingua moscovita,
No hebraico é uma cabita!
E tambem sabe o chinhez...

Zé Pequeno.

Dera-lhe na cabeça para mostrar uma paixão violenta, toda de amarguras, n'uma imaginação de phantasias, symptomas d'aquelle amor com fumaças a tragico, descambando em ridiculo.

E como ella, indifferente, livre, bastante senhora de si para não temer a rede, o ditasse á margem. desfazendo-lhe as palavras, dispersas numa grande tristeza, tristeza excessivamente ridicula, que elle espalhava nas imprecações de enamorado, na verbosidade quente, exaltada, d'aquelle ambição selvagem que rugia, feroz de tedio, de ameaças, elle tremia de ciúmes, parvo de dôr, a que não falava o pranto, o soluço, em fim o scenario completo para a grande scena de um coração espicaçado...

E era assim que elle tomava uns ares de drama, n'um nervosismo de occasião, cahindo, mais tarde, desamparado... na asneira de confessar que se matava!

E não morreu!

Não morreu... e casaram.

Pois que a vida é isto, elle, farto até aos cabelos d'aquelle papel de galan dramatico e chorão, mesquinho aos proprios olhos de nada valer sem ella, corria o perigo de ir de embate á morte se ella, perdida afinal nos suas esperanças desfeitas, não lança ao infornado a amarra da sua mão salvando-o d'esse perigo tragico... casando com elle!

Elle era musico, — e ella... esse pedaço de carne que o homem busca para a satisfação brutal idealizada pela sensualidade. Nada mais era senão o goso carnal, a companheira que elle pretendia, para sempre.

Pouco a pouco tomaram os sonhos sempre que se erguia ante elle a realidade. A harmonia falhava, e uma noite, quando o sorriso d'ella não era mais do que o ultimo lampejo do seu sacrificio perante o futuro, cada vez mais negro, entra elle, cambaleando, embriagado vergonhosamente. E como a vida é isto, e como ella se erguesse para o censurar do brio perdido, ergue a mão e a sua colera e os seus socos caem sobre a muhiher, o idolo quebrado, chorosa, abatida, infelicitada.

E porque uma vez no ensaio lhe perguntaram, na interrogação indiscreta, impertinente pela vida alheia, se a mulher amada — que o sabiam noivo de pouco tempo — tambem cultivava a musica, se era artista, se contribuía de qualquer forma para o desenvolvimento da arte, elle responde, mysterioso, cynico, sorridente, com um ar de insinuação velhaca, ferindo a companheira com a brutalidade do remoque, que sim, ... que era um bombo n'uma festa!

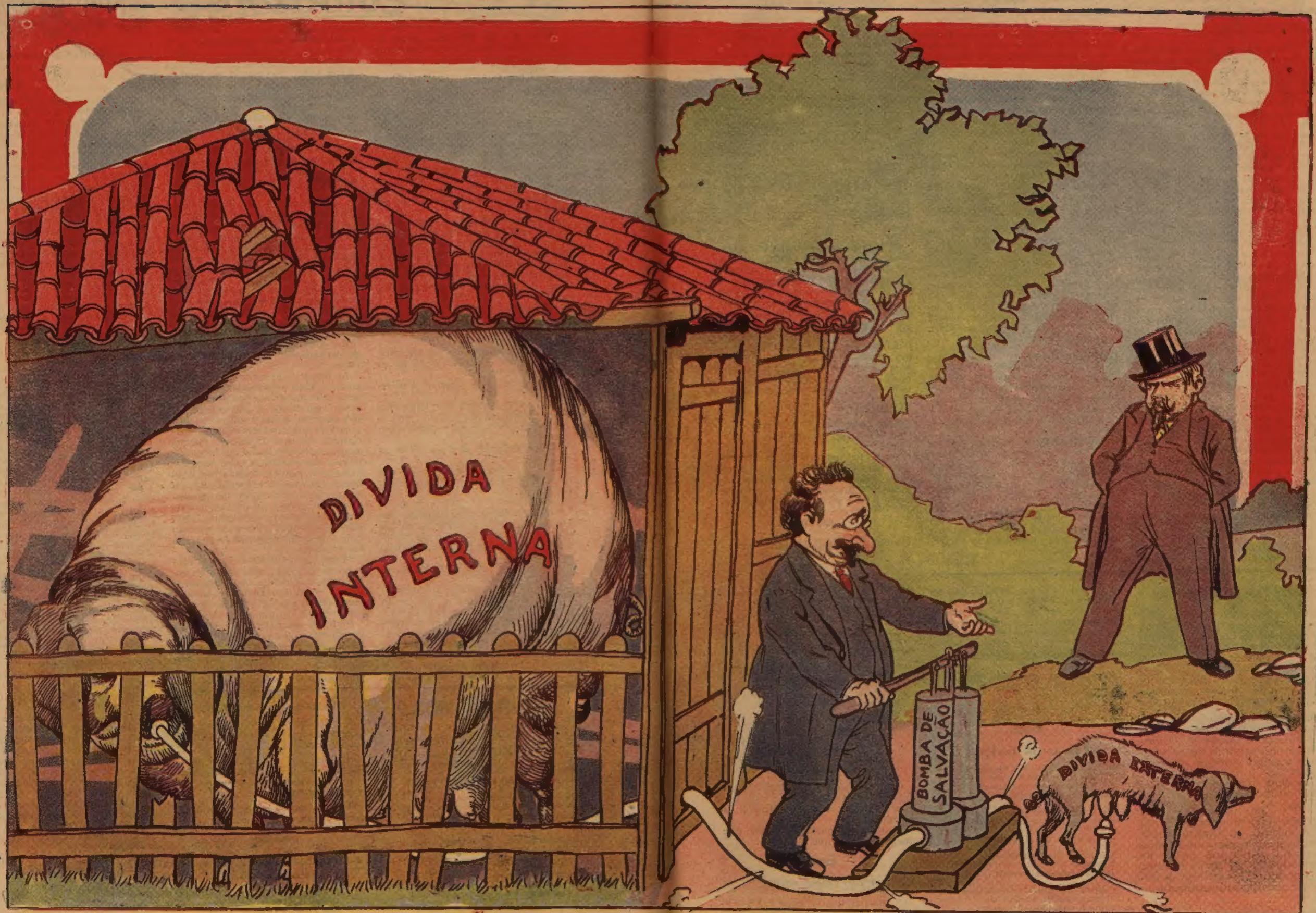
E era assim que elle tomava uns ares de drama...

André Deed.

Pelo correio

Caro amigo

'Ma novidade
Que certamente apreciarás,
Pois digo-te e com validade,
Que vas sahir «O Mattas».



— Assim é que é governar. Ora aprenda lá sr. Antonio José, como se dá á bomba!...



Eccos das festas

Lisboa teve a sua semana de festas, oito dias de alegria, para esquecer amarguras, dando á cidade um aspecto novo de movimentação. e ao seu publico uma impressão agradável e que decerto ficará como saudade até ao anno.

Lisongeiro é recordar que de todas essas festas a nota mais frisante do resurgimento da nossa alma foi a nota patriótica, o amor pela nossa patria, o amor pelos nossos costumes.

Desde a grande revista de Belem, com esse punhado de rapazes das Escolas preparatorias, até ao sarau da canção nacional, a Patria foi a dominadora de todos, e a ella, e por ella, se ofereceram n'um patriótico holocausto os espiritos da nossa raça, a alma de todos os portuguezes.

Todavia, factos se deram que a imprensa não relatou, e que só aos olhos de observadores minuciosos elles tornaram vulto, e, agora que as festas vão longe, o ecco das numeros erriantes dessas festas resoam ainda, como notas tristes nos faustos dias da alegria nacional.

Vamos a elles:

Em Belem. A tribuna presidencial cheia, com o velho chefe do Estado e com o governo e convidados. O calor é demasiado. E porque é demasiado, vê-se o grande jornalista Ferreira Martins, sem colete, casaco sobre a camisa, bebendo uma gazosa, do alto da Tribuna onde se encontrava o chefe da nação.

O pavilhão do presidente tran formado, democraticamente, em pavilhão de refrescos!

Outra: o Porta bandeira de um colega não pode esperar mais, e porque não pode esperar diz a um colega: — D'aqui a nada largo isto no chão e raspo-me! Isto... era a bandeira nacional.

Outra: Nas tribunas dos convidados, antigamente ocupadas por uma sociedade distinta, estão a transbordar de

uma elegancia pouco invejavel. Pouca delicadeza e muita desordem. As senhoras pareciam homens... e os homens... carroceiros!

Na Rotunda: — A canção portugueza pelas tricanas é interrompida, por que a desordem reina em alguns pontos, e o respeito pelos hospedes é nullo. Não existe autoridade moral porque a auctoridade... civica não tem o respeito do publico.

Pois se até a entrada do distincto violoncelista João Passos no Palco do Theatro Nacional causou reboliço...

Contou-me depois um amigo que a sua entrada deu a impressão de um cylindro... de carne rebolando, prestes a cahir sobre a plateia...

E aqui está o ludo triste da festa da cidade. A desordem e a má criação, numeros que não foram incluídos no programma, todavia certos, sempre que o povo seja chamado para honrar com a sua presença qualquer festa da terra.

O povo é bom; de mistura com elle ha o arruaceiro. Sem a educação, a disciplina dominará todos, e não será para admirar que o bom se estrague. As más companhias...

Correio do Sul

Este jornal republicano de Almada tem noticiado nas suas colunas, com palavras de amistosa sinceridade, a iniciativa tomada por João de Brito — para a exploração do Theatro Universo de Cacilhas.

De facto, João de Brito, da Companhia Cinematographica de Portugal, conseguiu fazer do referido theatro o ponto de reunião obrigada dos habitantes de Cacilhas, dando belas fitas cinematographicas, que tem despertado o interesse do publico. As palavras do *Correio do Sul* são justas, porque alijam um bello rapaz como é João de Brito, digno de ser ajudado no seu trabalho e merecedor da nossa estima.

Vinício.

Informações

Dueto criminoso — Foi hontem presa a pedido dum sujeito chamado Piano, a menina Aurélio Cornélio Trombella por esta ter partido o teclado ao queixoso, «e por intermedio do mesmo, ter assassinado o Fausto» na noite de 3 do corrente. A policia tem esperanças de encontrar a victima, tendo já apprehendido a partitura da mesma.

Scena de pugilato — Houve há dias uma violenta scena de pugilato entre o sr. Celorico Gil e a s.^a D. Gramatica, tendo esta sofrido bastantes ferimentos e graves contusões n'algumas paravras.

Chamado á pressa um dicionario foi S. Ex.^a metida nelle onde regressou a sua caça.

Prisão — Foi mandada ordem de captura contra o sr. Serapião Pereira Sardinha, por ir pescar o seu 3.^o nome a Alagés e ir assal-o para debaixo do segundo apelido que há all proximo. Há esperanças de lhe encontrar as victimas que serão novamente lançadas ao mar.

Atropelamento — Foi ontem atropelado por um electrico no Chiado o

sr. Dinamitoff Trinca-Espinhas. Este senhor já é o 3.^o desastre que lhe succede. O primeiro foi um automovel que o derrubou nas escadinhas de Santa Justa, o segundo foi igualmente um electrico na rua da Prata. Conduzido em braços ao hospital de S. Gonçalo ficou em tratamento numa cama que o desventurado individuo tivera tido o cuidado de meter n'algibeira prevendo qualquer desastre.

O Pevide sem Felix.

Os teus beijos

Aquella a quem adoro com ternura,
Com um profundo amor de namorado,
Se lhe mandigo um beijo apaixonado
Nega-me o a sorrir com tal candura!

Que no meu coração sinto a amargura
De quem vê desfritar em sonho o amado...
E digo-lhe: — é um só! — e ella murmura:
— Que teimoso que és! que descarado!...

Semi-cerra o olhar languidamente,
E enquanto que o rudir em si se aponca
Declina a cabeçinha levemente...

P depois — ai, depois! — aquella louca:
E' bem capaz de ter a rósea bocca
Colada á minha bocca, eternamente!

Porto, 1913.

Salvaterra Junior.

Authentico

Certo ratão impavido e brejeiro,
A Lovellière preta et-cetra e tal,
Impoz-se como sendo d'um jornal
O melhor redactor, quasi o primeiro.

Foi n'um animatographo. Um parceiro
Que comprára um bilhete de geral
Viu o typo, escutou o seu estendal
E perguntou-lhe logo, prasenteiro:

— Qual é o seu jornal?...

— E' O Piólho,
Que sáe regularmente e nunca cessa
De criticar, morder como um pimpolho!

Diz lhe o outro: não é a sorte avessa,
E o amigo trabalha e tem bom olho
Porque só traz piólhos na cabeça.

Orlando.



Dia

Milagres financeiros: Commenta este jornal monarchico os progressos da nossa finança e alinha-na de *milagres financeiros*. E' que o *Dia* está agora a recordar-se do tempo em que partilhava das finanças do paiz, onde os milagres só existiam... para elles.

O Mundo

Ainda é cedo: Pergunta á opposição se ella não vê que ainda é cedo, para governar. Vê... vê... mas é que quanto mais esperar mais as economias estão em riscos de fugir... d'ella!

Republica

Sem governo: Tudo foge da Republica como quem foge da casa com Peste!

Isto sem governo! Emquanto esse homem não for ao poder Portugal cminhará para o abysmo a passos largos. A salvação da patria está no evolucionismo como a anatomia nas Pilulas Pink.

A' Republica

VII

Se, quando tu firmaste o teu poder,
esqueceste os mil agravos recebidos,
daqueles que, mais tarde, destemidos,
quizeram teu imperio desfazer;

Se tudo tens tentado p'ra manter
direitos pelo povo conseguidos,
sem que, de parte a parte, sejam f'ricos
combates cujo horror é de prever;

Não deixes proseguir os desatinos
dos que se dizem povo e, todavia,
só mostram ser do povo os assassinos.

Matar por forma tal é cobardia!

Se os lobos nos rebanhos presentimos...
prepara-se a seguir a monstria!

KK. To.

Agrado certo

Corre o boato de que as eleições para deputados se realisão no ultimo domingo de outubro ou no primeiro de novembro.

O' diabo! Porque não mettem este numero nas festas da cidade?...

Pelo telegrapho

Lisboa, em tantos de tal
(Recebido já ha dois dias)
Senhor director do jornal
Sabado, sahe

O Matias.



Uma comissão tecnica de maquinas e caldeiras da armada, descobriu agora, o que já estava descoberto nas marinhas mercantes ha mais de 30 annos, isto é, descobriu que deixar a iniciativa e condução do fogo das fornalhas, aos simples fogueiros, é nociva aos interesses da fazenda Nacional.

Pois sim, sim, mas talvez os nossos leitores não saibam que nas casas das maquinas fáz muito calor, e não podem os senhores engenheiros andar por lá de luvas brancas.

Depois, os subalternos que conhecem muito bem os seus direitos, dizem para os recenhegados — á terra onde fores tór, fáz como vires fazer.

Antes d'outubro de 1910, até se chegou a mandar o Africa á Inglaterra meter caldeiras, para os alcatroeiros irem fazer estigão, enquanto os vasa-bispos estudavam em Napoles o problema de fechar o círculo.

Parabéns á comissão tecnica, e permita o supremo architecto que ella descubra mais alguma coisa das muitas que nós sabemos.

Não temos duvida alguma em declarar aos nossos leitores e em especial aos interessados que os puridos da moda, já chegaram até nós, e pois que a moda é diser mal do sr. Affonso Costa, lá vai tambem um bocadinho do chic.

O sr. Affonso Costa, é contra o progresso; mas nós não nos limitaremos a palavrões de effeito, e vamos provar o que afirmamos.

O padre Antonio Vieira disse que roubar é uma arte, razão porque os ladrões são uns artistas, logo, conservar ou reter os eminentissimos, reverendissimos e excelentissimos gatunos, nas prisões é um acto anti-progressivo, é ter pouco respeito por tão escelsos e eminentissimos artistas, é emfim uma tirania de que só o sr. Affonso Costa seria capaz, privando creaturas tão tementes a Deus, de poderem ir á missinha, á suda da qual poderiam pôr em pratica a sua destreza, ou experimentar na pratica, os effeitos d'um aturado estudo de gabinete.

Mas, já d'aqui prevenimos ó sr. Affonso Costa, que não levará por diante a sua tirania.

Os Eminentissimos, Reverendissimos e Ex.^{mos} João de Freitas, Celorico Oil e Companhia, interpellarão o sr. presidente do conselho no parlamento e obrigalhão a respeitar a florescente industria dos cavalheiros, ou vice versa, que tanto procuram dar brilho á arte que o festerqueira pretendia levar ao cumulo da perfectibilidade de mãos dadas com o outro artista não menos digno de menção, o grande Carlos Simão, que se engasgou com um caroço d'ameixa, quando já contava com 250 milhões nos bancos estrangeiros.

Mas ha mais...

Todos nós sabemos que antes de 5 d'outubro de 1910, os chefes d'estado em Portugal, tinham os titulos de reis de portugal e dos alarves d'aquem e alem mar etc., ora não é em pouco mais de dois annos que os alarves deixaram, no todo de cá residir, apesar de muitos andarem a monte, havendo toda a razão para esses alarves serem castigados na razão directa do seu estado siamez.

Assim o tendo entendido algum gajo d'alto lá com elle, tratou de publicar uns cartões a que chamou postaes, onde se via uma coisa parecida, algo, com o filho de uma das onze mil Virgens do paraíso do sr. Antonio José d'Almeida, conhecida por Maria Amelia d'Orleans, pelo modico preço de 10 centavos.

E' claro que só os alarves, e assim ficariam bem castigados, compravam aquillo por banha de cheiro, quando o governo resolveu prohibir o castigo.

E' isto justo sr. Affonso Costa?

Com o calor, que quasi nos tem esbodegados, ficam-nos no tinteiro muitas coisas que no proximo numero traremos a publico e que decerto farão grande brecha no selo do gabinete ficando já os talassas prevenidos para irem apanhar pés de bispos ou os proprios se quizerem.

Abelha Mestra

O JUDAS!

Ao meu amigo tenor
Pedi um fato emprestado
Pra vestir Judas traidor,
Que devia ser queimado.

Elle já todo escamado,
Mal que viu o fato a arder...
Cresceu p'ra mim o' cajado,
Mas não me chegou a bater!

Zé Pequeno.

Alcovitlices

Do Seculo:

Collisou

Preciso muito falar — Será possivel?
Se estiver d'acordo peço indique pelo sinal combinado.

O signal pôde ser o de dizer adeus...
com a mão fechada que é o signal de...
recolher.

Ahcor.

Cancioneiro

Ao democrata se encosta
minha alma em ardente fogo,
se o senhor Affonso Costa
abrir as portas do fogo! (*)

KK To.

(*) Fica um jogo «de porta...» aberta.

O ZÉ no theatro



Republica — A feliz revista *De Capote e Lengó*, em scena n'este theatro, continua a attrahir enchentes. Ah! por volta das oito horas já não ha bi heies na casa, de modo que quem quizer gosar o bello trabalho de Ernesto Rodrigues, João Bastos e Felix Bermudes tem que prevenir-se a tempo. Como critica politica é o melhor que temos visto e não se fiem no André Brua que é um... *pevide*.

Appolo — E' hoje a première da célèbre peça de Sardon, *Tasca* que está posta em scena com grande esplendor. Palmyra Torres fará o papel de *Floria Tasca*; Henrique d'Albuquerque o de *Cavaradosi* e Leopoldo Froes o de *Scarpia*. Tudo promette uma noite de arte.

Avenida — A companhia juvenil *Billaad* continua a deliciar-nos com os variados espetacu-

los que todas as noites decorrem agradavelmente. E não admira porque os petizes cantam as mais difficis operetas e ainda por cima, em especia-culos populares, a preços reduzidos.

Colysen de Lisboa — Approxima-se o final do campeonato de luta. As ultimas sessões tem sido magnificas e o publico tem-se entusiasmado com alguns luctadores, como Pedrosa, Raoul de Rouen e Almable de la Calmette, este ultimo pela sua brutalidade.

Trindade — A magica *O Fim do Mundo* está para durar. Optimo desempenho, belissimos scenario e guarda roupa, tudo isso contribue para o successo da peça que tem bella *piada* politica.

ANIMATOGRAPHOS

LORETO: Fitas falladas dramaticas e comicas.
TRINDADE: As fitas de maior successo. Programmas escolhidos.

OLIMPIA: Concertos e animatographo. Preparam-se novidades.

CHIADO TERRASSE: Animatographo muito querido do publico.

CENTRAL: Toca lá o Passos, e mais não dizemos. Isto basta.

ROCIO-PALACE: Animatographo e variedades apresentando completistas boas, em todos os sentidos.

Intempéries alfacinhas

Pela calmosa estação,
N'esta nossa Lisboa amada,
Regorgita a multidão,
Anda a pobreza aulinada.

Chegou o mez da frialdade,
Porém, o que vejo agora?
Os salolos pela cidade,
Trazendo o nabo de fora....

Zé Pequeno.

Chiado Terrasse

São consecutivas as enchentes n'este cine da moda, o que não é para admirar, pois que o programma é sempre tentador, Magnificos concertos.

Pelo telephone

— Está lá?

— Quem fala?

— E' do Zé,

— Está muito bem, queira ouvir:
Já no sabado certo é,
Que **O Matias** vai sair.

Manual do hipnotisador pratico

METODO completo de hipnotismo, pelo celebre **Ivan Ilkoff**, compilado por A. F. Sousa Castro, professor de hipnotismo, contendo a mais completa instrução que se tem dado até nossos dias sobre esta materia. **Sumario**: Hipnotismo experimental, Braid e o hipnotismo, Qualidades do hipnotisador, Processos neuroscopicos (reconhecimento da suggestibilidade, Processo Moutin, Richet, Processos de hipnotisaçãosi-stema Braid, B'nheim, Estados hipnoticos, Como obter a letargia, Estado cataleptico, Sonambulismo, Suggestão hipnotica, Hipnotisação das crianças, Auto-hipnotisação, Hipnotismo recreativo, Adestramento de sonambulos, Medicina hipnotica, O alcoolismo, O tabaco, A morfina, Anestesia para operação, A's parturientes, A gaguez, a vista e a chorça, A neurastenia, Modo de tratar uma doença em geral, Hipnotismo medico legal, O despertar da hipnose, O despertar em casos dificeis, A correção das crianças, A educação dos vossos meninos, Os empregos e a sociedade, O hipnotismo na filosofia, nas artes e nas letras, Instrução occulta, Hipnotisação a distancia, Passagem do poder, Hipnotisar varias pessoas simultaneamente, Hipnotisação pelo corrio, Telefone e imprensa, Hipnotisação de animaes, Doenças sexuaes, etc., etc. — Um elegante volume em brochura, **300 réis**; encadernado em capa es-pecieas, **400 réis**.

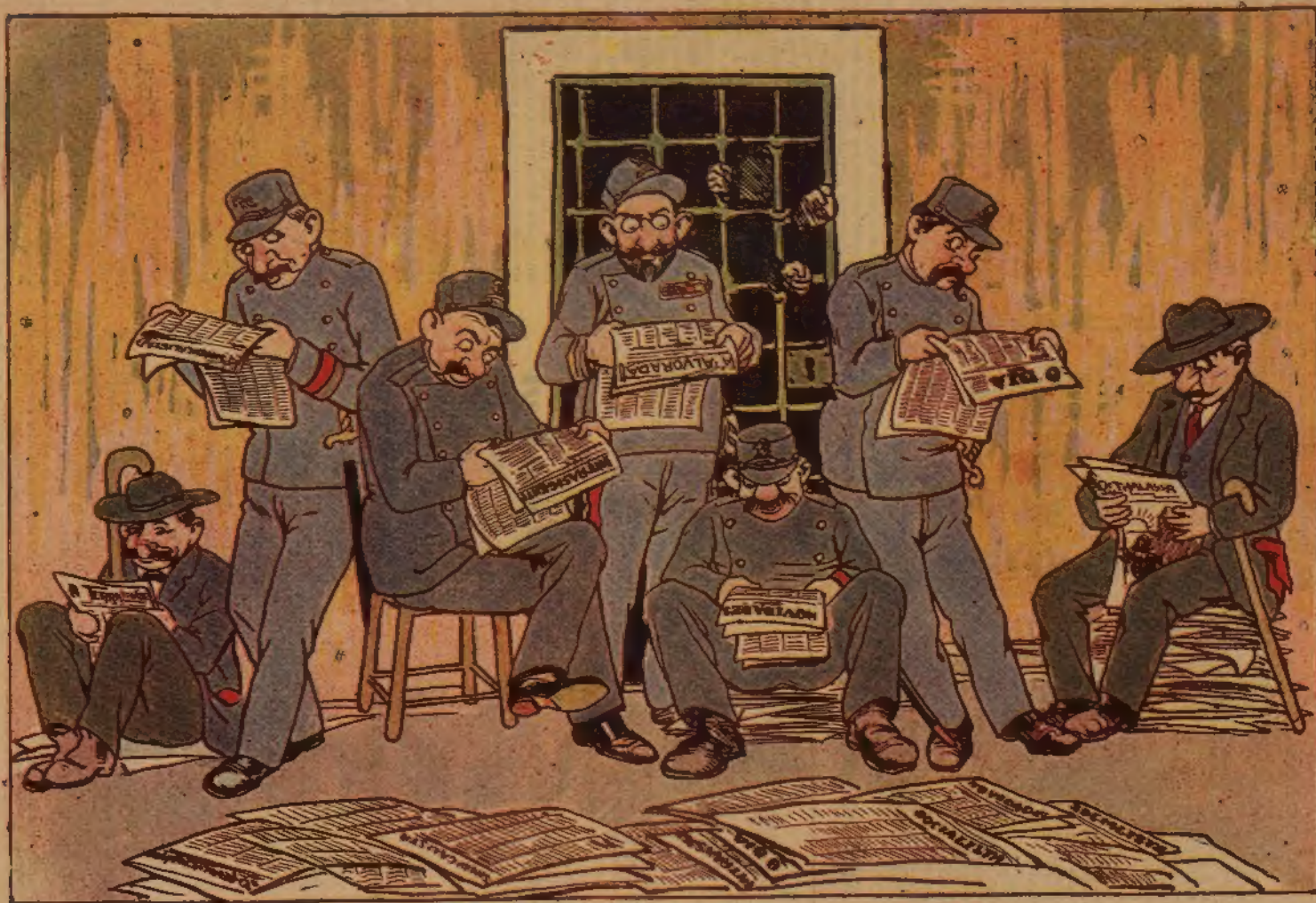
LIVRARIA PORTUGUEZA

DE

JOÃO CARNEIRO & C.^a

58, Travessa de S. Domingos, 60
LISBOA

GABINETE DE LEITURA



Só assim é que elles conseguem lêr alguma coisa, mas quasi sempre ficam a ler ...